

O Clube de Leitura visa difundir diferentes autores, promover diversas leituras e dinamizar actividades culturais. Neste âmbito, decidimos ir conhecer e dar a conhecer escritores portugueses; já no primeiro período, dois alunos do Clube o José e o Tomás apresentaram uma leitura dramatizada do poema de Herberto Helder, O Actor. Assistimos, na Biblioteca Municipal de Oeiras (Pólo de Carnaxide) à palestra da escritora Sandra Carvalho, que partilhou com os presentes a sua paixão pela escrita, redigindo-se posteriormente um texto de reflexão. Alunos que assistiram a esta sessão, mas não com hábitos de leitura, confessaram-me que estavam a ler o primeiro livro da Sandra.

No dia 20 de Março, os alunos do clube e alguns outros da professora Sílvia Alarcão foram assistir ao espectáculo As Bodas de Fígaro, de Beaumarchais, uma sátira política e social, numa encenação de Armando Caldas, levada à cena pelo Intervalo Grupo de Teatro. Salienta-se, a propósito, a relevância do trabalho deste grupo como pólo cultural do concelho de Oeiras, dinamizador de múltiplos espectáculos de muitos e variados autores nacionais e internacionais, pelo que merece o carinho especial por parte também dos jovens. No final do espectáculo, após aplausos de pé, os jovens confessaram a sua vontade de assistir a mais peças, e alguns inscreveram-se até para fazer teatro com Armando Caldas, que lhes sugeriu que fossem aos bastidores conhecer os actores.

Para celebrar o Dia da Poesia, a professora Sílvia Alarcão convidou a advogada e poetisa Vanessa Pelerigo, sua ex-aluna. Pretendia-se divulgar poetas que têm perdido espaço nos actuais programas de Português e os mais modernos, tendo o clube seleccionado vários poemas, como adaptações cantadas de redondilhas e sonetos de Camões, outros de Bocage, autor actualmente pouco contemplado, e também Florbela Espanca, e Fernando Pessoa, fazendo a ponte para a actualidade. De início os destinatários da sessão seriam os alunos do 11º A, da professora Sílvia, e 11º C/D da professora Fátima Páscoa. Imprevistamente os alunos do 11º C/D não puderam comparecer, tendo o professor Antero Fernandes convidado a turma 10º C.

Procedeu-se à abertura da sessão com a audição de poemas, seguida de debate de questões como a visão da Vanessa, na qualidade de aluna de Português e poetisa, dos actuais programas de Língua Portuguesa, os quais não parecem motivar ou incentivar como deviam o gosto pela leitura e pela escrita; que poetas mereceriam uma maior divulgação junto do público e que conselhos daria aos jovens relativamente ao gosto ou rejeição da poesia.

Foi com agrado que a professora Sílvia descobriu a jovem intelectual que hoje é a sua antiga aluna, uma presença confiante e combativa na defesa da nossa literatura e cultura, capaz de dialogar abertamente com os jovens, suscitando questões pertinentes a leitores empenhados e críticos. Após quase trinta anos de ensino e na actual conjuntura de facilitismo, a Vanessa veio comprovar que vale a pena alguém querer ser professor por vocação, se houver alunos que saibam perpetuar o gosto pela leitura e pela escrita, o espírito crítico (não passivo e sobranceiro que está na moda), a capacidade de contribuir para a defesa da nossa literatura. A Vanessa, que financiou a edição dos seus poemas, é bem o exemplo do que é ser poeta em Portugal, sem o auxílio das campanhas de marketing e publicidade dos media; Ela é a poetisa, uma voz singular e profunda que deve ser ouvida pelo seu mérito próprio, porque nos

desperta o prazer de ler; é uma jovem capaz de lutar e dar corpo aos seus sonhos, um exemplo a seguir, mesmo se só por alguns.

Terminamos com chave de ouro: a vinda à nossa escola, no dia 30 de Março, da jornalista e uma das melhores escritoras da literatura infanto-juvenil, Alice Vieira, sendo os destinatários da palestra os alunos do 11º B e 8 C da professora Ana Monteiro. Pensara-se lançar este convite para uma sessão a decorrer durante a semana cultural; dado que a agenda da conferencista estava completamente preenchida até ao próximo ano lectivo, a aluna Mónica Martins serviu de mediadora entre a professora Sílvia e a escritora.

Alice Vieira contou-nos que iniciou a sua carreira como jornalista aos 18 anos, tendo-se estreado, aos 36, como escritora, publicando Rosa Minha Irmã Rosa. A escritora deu a conhecer que desde muito cedo adquiriu o gosto pela palavra através, por exemplo, dos livros que lhe liam; ela própria aprendeu a ler e a escrever para poder ter acesso à magia dos livros, deleitando-se pela imaginação ou quando lia em voz alta e as palavras eram melodia. Cedo se habituou à companhia dos livros, lendo muito, até ser capaz de cultivar um sentido crítico face aos livros. Gosta-se da língua, aprendendo a amar as palavras e a Literatura. O início da carreira de artífice da palavra não foi fácil, mas exigiu trabalho, saber lutar pelos seus sonhos, esmerar-se em saber mais e mais, aprender a escrever e reescrever todas as vezes necessárias até o texto vir ao encontro das expectativas, quando a palavra, lida em voz alta, é soberana. Não acredita que se escreve sem trabalho, pois 99% do conteúdo dos seus livros não apelam tanto à imaginação, mas à observação da realidade; costuma trazer consigo um caderno para tirar notas, captar o que se ouve, as histórias de pessoas reais.

A leitura e a escrita dão luta mas vale a pena aceitar o desafio. Alguns dos alunos levantaram questões: o que é ser escritora em Portugal? Pode-se viver pela escrita? No nosso país ainda se considera que a Arte não é trabalho e a não assunção e profissionalização dos escritores não ajuda; também nenhuma editora paga bem. O que sente a escrever? Dá luta e prazer, mas não lhe agradam os prazos impostos pelas editoras. Quais os seus escritores de referência? As Crónicas de Fernão Lopes (outro conteúdo retirado dos programas), Clarissa, de Erico Veríssimo, a obra que mais a motivou para ser escritora. Os poetas mais marcantes? Ruy Belo, Daniel Faria e Tolentino Mendonça.

Foi curioso o facto de escritora concordar também que os actuais programas de Língua Portuguesa amputaram autores de referência e não parecem motivar o gosto nem pela literatura nem pela leitura. Concordou com a professora Sílvia que Os Maias são uma leitura incontornável, até pela sua actualidade e ainda pelos horizontes de descoberta que propiciam. A propósito cabe lembrar que não é por acaso que Alice Vieira é uma das autoras de Eça Agora.